



9ª edição

Lourenço Cazarré

ENTRE
LINHAS
MISTÉRIO

Quem matou o mestre de Matemática?

Ilustrações: Sérgio Palmiro

 **Atual**
Editora

Série Entre Linhas

Editor • Henrique Félix

Assistente editorial • Jacqueline F. de Barros

Preparação de texto • Lúcia Leal Ferreira

Revisão de texto • Pedro Cunha Júnior e Lilian Semenichin (coords.) / Edilene

Martins dos Santos / Sandra Souza / Célia Camargo

Gerente de arte • Nair de Medeiros Barbosa

Supervisão de arte • José Maria de Oliveira

Projeto gráfico de capa e miolo • Homem de Melo & Troia Design

Suplemento de leitura e projeto de trabalho interdisciplinar • Liliana Oliven

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cazarré, Lourenço, 1953- .

Quem matou o mestre de matemática? / Lourenço Cazarré ; ilustrações Sérgio Palmiro. – 9. ed. – São Paulo : Atual, 2004 – (Entre Linhas: Mistério)

Inclui roteiro de leitura.

ISBN 978-85-357-0477-8

1. Literatura infantojuvenil I. Palmiro, Sérgio.
II. Título. III. Série.

04-2119

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

Copyright © Lourenço Cazarré, 1995.

Direitos reservados à

SARAIVA Educação S.A.

Avenida das Nações Unidas, 7221 – Pinheiros

CEP 05425-902 – São Paulo – SP – Tel.: (0xx11) 4003-3061

www.coletivoleitor.com.br

atendimento@aticascipione.com.br

CL: 810475

CAE: 602607

11ª tiragem, 2018

Sumário



Primeira parte: Um garoto em maus lençóis 5

Vamos até a delegacia 6

Um tio metido a advogado 9

Autópsia da carcaça do mão de vaca 11

Primeira manifestação de um instinto assassino 14

Talco também é arma 16

Sangue no corredor 18

Uma lâmpada denuncia o crime 20

Jogo entre espertinhos 22

Memórias de um jovem matemático 24

Salvo pelo telefone 26

Segunda parte: Uma tarde muito movimentada 29

Um culpado, ainda que inocente 30

Biografia de um pão-duro 32

Economia de papel e lápis 35

Sombra para as cobras 37

Rifa de túmulo	39
Mesmo que ela more no cemitério	41
Um misterioso telegrama	42
Cadeira elétrica para os gagás	44
Excesso de informações	46
A estranguladora de gatos	47
A polícia prefere os mentirosos	49
Terceira parte: Recolhendo suspeitos	51
Deus não ama os delegados	52
Escudo humano	54
Tirar banana de macaco	56
O mijão é minha testemunha	59
Só as pessoas normais são perigosas	62
Orquestra de sopros e roncoss	64
Quarta parte: Surpresa no interrogatório	67
O voo da cegonha preta	68
A vantagem de roer as unhas	70
Discurso do pirica arrependido	73
Isto é uma piada	76
Uma surpresa muito desagradável	78
Foi você, seu relaxado?	81
Como foi o tombo?	84
A pacífica face do furibundo facínora	87
O assassino e a dona de casa	91
O autor	94
Entrevista	95

Primeira parte:
Um garoto
em maus lençóis



Vamos até a delegacia



Eram onze horas de uma noite terrivelmente quente de um mês de fevereiro da década de 1960, e eu estava na calçada brincando de pega-pega com meninos e meninas da quadra.

Naquela época ainda se brincava à noite na rua, porque ninguém tinha medo de assaltos ou sequestros. Além disso, só umas poucas famílias tinham televisão na nossa cidade, Pelotas, a mais populosa do interior do Rio Grande do Sul.

Eu era um garoto de quinze anos e estava brincando porque, naqueles anos ingênuos, a gente só namorava bem mais tarde. Aliás, eu era tolinho no que se referia às coisas do amor, mas já bastante esperto no que se referia a negócios. Trabalhava no Banco Agropecuário havia mais de seis meses e sonhava em ser economista, para atuar como corretor na Bolsa de Valores de São Paulo. O meu plano naquela época era ganhar muito dinheiro.

Pois bem; lembro que, naquela noite, eu estava muito alegre, curtindo os últimos dias das férias de verão. Dentro de duas semanas, eu teria de voltar às aulas noturnas do segundo ano do curso colegial, que hoje se chama ensino médio.

Vestindo calção, sem camisa, eu corria loucamente de um lado a outro sem imaginar que, dali a pouco, iria começar a pior madrugada da minha vida.

O sol já tinha se recolhido havia horas, mas a cidade ainda refervia num calor infernal, quando, vinda dos fundos da casa, mamãe chegou à calçada e acabou com uma discussão dos vizinhos sobre a temperatura. Mostrou o termômetro de parede e disse:

– Qua-quarenta graus.

Depois da janta, nós e todos os outros moradores da rua havíamos corrido para a calçada, por acreditarmos que ali estivesse mais fresco que dentro das casas. Não estava, não corria um só fiapo de brisa pela nossa ruazinha.

A lua cheia iluminava perfeitamente as pessoas, que passavam o tempo todo se espancando. Vistos de longe, parecíamos malucos dando sonoros tapas nas pernas, nas orelhas e nas próprias bochechas. Era assim que a gente tentava, inutilmente, matar os milhões de mosquitos gulosos que desciam sobre nós em nuvens zumbidoras.

Vindo de longe, aproximava-se um carro de sirena ligada. Começou nova discussão na calçada:

– Será ambulância?

– Acho que é a po-polícia.

– Não, mais provável é que seja carro de bombeiros. As casas pegam fogo com mais facilidade no verão.

Dali a um minuto nossa curiosidade foi saciada. Dobrando a esquina em alta velocidade, surgiu um carro negro da polícia com luzes coloridas piscando no teto.

Diante da nossa casa, o automóvel freou bruscamente. Dele saltaram dois homens. O que dirigia era muito gordo e muito alto e seu acompanhante era muito gordo e muito baixo.

– Agente Altino! – O grandão mostrou rapidamente uma carteira e perguntou: – É aqui que mora um rapaz chamado Lourival Pedro, que trabalha no Banco Agropecuário?

– Sim – respondi de imediato. – Sou eu.

– Enfie uma calça comprida e uma camisa – disse ele. – Você vai dar um passeio conosco, até a delegacia.

– Mas co-como? – Mamãe saltou da cadeira. – Por que ele está sendo pre-preso?

– O que o seu garoto fez que a senhora está achando que ele vai ser preso? – perguntou o baixote, desconfiado.

– Meu filho não fez na-nada de mal! Ele é um ga-garoto muito comportado. Além do mais, é menor de idade, tem só quin-quinze anos.

– Então se arrume também, madame – retrucou o grandalhão. – A senhora pode ir junto.

Um tio metido a advogado



– Quem vai acompanhar o garoto sou eu – intrometeu-se meu tio Alfredo Boca Grande, enchendo o peito. – Sou acadêmico de Direito.

– Eu também vo-vou junto – disse mamãe.

– Não, você fica em casa pra cuidar da menina – disse tio Alfredo, e colocou a mão sobre o meu ombro. – Eu tomo conta deste rapazinho.

Tio Alfredo, o irmão caçula de mamãe, foi apelidado de Boca Grande porque é especialista em dizer bobagens. Ele sempre consegue dizer a palavra errada no momento menos indicado.

Naquela noite, para infelicidade minha, papai – sargento do Exército – estava de serviço no quartel. Se estivesse em casa, talvez tivesse podido me livrar daquela encrenca.

Metendo-se na frente dos policiais, mamãe insistiu:

– Mas o que acontece-ceu? O que vocês querem com o meu fi-filho?

– Não queremos nada com ele – respondeu o altão. – Quem quer levar um lero com ele é o delegado.

– Deve ser um enga-gano – palpitou mamãe.

– A polícia nunca se engana, dona – disse o baixote. – Só quando quer!